

**CONVENÇÃO RELATIVA À PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO
MUNDIAL, CULTURAL E NATURAL**

**PROPOSTA DE INSCRIÇÃO
NA LISTA DO PATRIMÔNIO MUNDIAL
APRESENTADA PELO BRASIL**

CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE DE OLINDA

ANEXO I

CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE DE OLINDA

A documentação indicada a seguir foi apresentada pelas autoridades brasileiras para apoiar a proposta de inscrição da cidade de Olinda; ela pode ser consultada na Divisão do Patrimônio Cultural da Unesco e estará disponível por ocasião das reuniões do Bureau do Comitê do Patrimônio Mundial e do próprio Comitê:

- Mapa 1 : Brasil (dezembro de 1981)
 - Mapa 2 : Região Nordeste do Brasil (dezembro de 1981)
 - Mapa 3 : Município de Olinda (dezembro de 1981), com indicação por setores da taxa de ocupação e dos gabaritos permitidos.
 - Mapa 4 : Centro histórico de Olinda mostrando a localização dos principais monumentos e indicando a natureza de proteção por zonas.
-
- Descrição dos principais monumentos do Centro Histórico da cidade de Olinda cuja lista encontra-se sob a rubrica 3 (a) do formulário.
 - Lei nº 4119 de 28 de setembro de 1979, que cria o Conselho para a Preservação dos Sítios Históricos de Olinda, autoriza ao Poder Executivo criar um Centro para a preservação dos sítios históricos de Olinda, institui o tombamento dos bens culturais móveis e imóveis pela municipalidade, cria o Fundo para a Preservação dos Bens Culturais de Olinda e toma outras providências.
 - Relatório sobre os trabalhos realizados pela Fundação-Centro para a Preservação dos Sítios Históricos de Olinda durante o período de janeiro a setembro de 1981.
 - Textos relativos ao processo 674-T-62, DPHAN/DET, Seção de História, sobre a proposta para o tombamento do conjunto paisagístico-urbano arquitetônico da cidade de Olinda, Estado de Pernambuco.

- Textos relativos à ampliação da área tombada de Olinda e ao tombamento da cidade como monumento nacional.
- Relatório da Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana de Recife sobre as ações para a preservação e o desenvolvimento de Olinda.
- Trechos extraídos dos relatórios dos senhores Michel Parent (março de 1968), Jean-Bernard Perrin e Pierre Habib (junho de 1979) relativos às suas missões no Brasil.
- Guia de Olinda de Gilberto Freire (texto em português e tradução em inglês).
- Uma série de 48 diapositivos coloridos e outra de 15 fotografias coloridas e 122 fotografias em preto e branco da cidade de Olinda.

1. Localização	
a) País	Brasil
b) Estado, município ou região	Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil
c) Nome do bem	Centro Histórico da cidade de Olinda
a) Localização exata no mapa com indicação das coordenadas geográficas	8° 00'48" - Latitude Sul 34° 50'42" - Longitude Oeste A 7 km da capital do Estado de Pernambuco, a cidade de Recife, em linha reta
2. Dados jurídicos	
a) Proprietário	
b) Status jurídico	Tombado como Monumento Nacional pela Lei nº 6863 de 2 de novembro de 1980
c) Administração responsável	Prefeitura da cidade de Olinda
3. Identificação	
a) Descrição e inventário	<p>Localizada à beira-mar, próxima ao istmo de Recife, onde foi construído o porto, protegida por uma barreira de arrecifes e no alto de uma sequência de pequenas colinas encadeadas.</p> <p>A trama urbana da implantação da cidade, que de certo modo se conserva até hoje com pequenas mudanças, está definida pela relação entre as principais edificações - a igreja principal (atual Igreja Episcopal), o Colégio e a Igreja dos Jesuítas (atual Igreja da Graça), os conventos: franciscano, carmelita, beneditino, da Conceição, do Monte, e as igrejas da Misericórdia, do Amparo, de São João Batista, de São Pedro, de Nossa Senhora do Rosário (...); o Palácio dos Bispos, a antiga cadeia. As vias seguem os cumes das colinas, as curvas de nível, ou então sobem as encostas, acompanhando em alguns casos aquelas mais</p>

abruptas. Elas são definidas a partir das fachadas das casas e se apresentam irregulares no que se refere ao seu traçado, largura e cruzamentos. As praças hoje existentes surgiram a partir das intersecções das ruas, ou dos adros em frente às igrejas.

O conjunto histórico de Olinda apresenta edificações notáveis por seu valor arquitetônico e, igualmente, por seus elementos decorativos como a talha dos altares, dos púlpitos, as pinturas e os painéis de azulejos, tais como:

- a Igreja Episcopal com três naves e a Igreja da Graça (que pertenceu aos padres jesuítas), restauradas de acordo com seu aspecto original (séculos XVI/XVII), a de São João Batista (século XVII), as do Carmo (séculos XVII/XVIII), das Neves (franciscana - séculos XVII/XVIII) e de São Bento (século XVIII);

- a arquitetura civil das residências, os elementos mais antigos do século XVII, como seus balcões, outros do século XVIII, do século XIX, com seus revestimentos de azulejos e outros já do início do presente século, como o tratamento romântico dos chalés, ou neoclássico. A caixa d'água que se encontra no alto de uma colina é um monumento da arquitetura contemporânea do Nordeste.

A vegetação exuberante das ruas, dos jardins, das aleias, dos conventos, com árvores frutíferas frondosas, mangueiras, fruta-pão, jaca, sapoti e coqueiros conferem ao sítio o valor dominante de um núcleo urbano emoldurado por uma massa verde sob a luz tropical, tendo aos seus pés a praia e o oceano.

A cidade guarda sempre sua relação com a paisagem local e com o mar, bem como as características de sua arquitetura vernacular, manifestação cultural herdada de Portugal e adaptada ao nosso meio, assimilada a ponto de adquirir sua própria personalidade e mantê-la através dos tempos.

Principais monumentos do centro histórico da cidade de Olinda

1. Convento e Igreja do Carmo de Olinda
2. Mosteiro e Igreja de São Bento e residência anexa
3. Convento e Igreja de Nossa Senhora das Neves (franciscano)
4. Igreja da Misericórdia
5. Igreja de São João
6. Igreja e convento de Nossa Senhora da Imaculada Conceição
7. Convento e Igreja de Santa Teresa
8. Igreja de São Sebastião
9. Palácio dos Bispos de Olinda

	<p>10. Casa com muxarabis, 7 Praça Conselheiro João Alfredo</p> <p>11. Igreja de Nossa Senhora do Monte</p> <p>12. Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco (antiga Prisão Episcopal)</p> <p>13. Capela de São Pedro Advíncula</p> <p>14. Casa com azulejos</p> <ul style="list-style-type: none"> . Edifício do Hospital Herman Lundgren no Largo do Carmo . Casa com 2 pavimentos na rua 15 de Novembro, nº 104 . Casa Senhorial da rua 15 de novembro, nº 134 . Casa de dois pavimentos da rua São Bento, nº 127 <p>15. Bicas históricas</p> <ul style="list-style-type: none"> . Bica do Rosário . Bica de São Pedro . Bica dos Quatro Cantos . Bica de São Francisco <p>16. Passos</p> <ul style="list-style-type: none"> . Senhor apresentado ao povo . Senhor na coluna . Passo da Igreja Episcopal (Sé) . Ribeira <p>17. Mercado da Ribeira</p>
b) Mapas e/ou plantas	Ver anexo
c) Documentação fotográfica e/ou cinematográfica	Ver anexo
d) Histórico	<p>Ao chegar a Pernambuco em 9 de março de 1535, Duarte Coelho Pereira escolheu Olinda para nela instalar a sede do governo da Capitania*. Um historiador do início do século XVII conta que um dos empregados de Duarte “caminhando com outras pessoas na floresta, à procura de um lugar para construir, o encontrando em uma colina elevada o suficiente, exclamou alegremente: Oh linda!”. Se a origem da palavra é contestável, a exclamação e a alegria são as mesmas até hoje.</p> <p>(*Capitania: vastas extensões de terra cuja superfície correspondia quase a de um pequeno estado brasileiro atual, dados a título pessoal e hereditário pelo rei de Portugal aos donatários, durante primeiros anos da colonização do país).</p> <p>Duarte Coelho Pereira escolheu o local para implantação do seu vilarejo de Olinda de acordo com a tradição</p>

mediterrânea das cidades altas, visando defendê-la militarmente, mas não tão distante do porto a ponto de dificultar os contatos com o exterior: o acesso era feito por terra e pelo rio. A cidade foi dividida em vários setores: um administrativo e residencial, outro comercial ou de feitorias e um terceiro onde seus habitantes podiam se abastecer de diversas mercadorias.

O vilarejo prosperou rapidamente por ser a sede de uma das principais fontes de um produto extremamente valorizado no mercado internacional nos séculos XVI e XVII: o açúcar. Olinda era o próprio símbolo do açúcar e das riquezas que ele proporcionava. Ainda durante o século de sua fundação, ordens religiosas aí se instalaram: as igrejas e os conventos construídos encontram-se entre os mais antigos do Brasil. Alguns desses conventos, como o dos Jesuítas, desempenharam um papel preponderante na propagação de vegetais úteis do país, da Europa e da África, o que transformou suas hortas em pomares célebres na época, como testemunha o Padre Cardim (1584) e um companheiro do Senhor de la Ravardière (1616). As palmeiras, além das edificações, caracterizavam a paisagem de Olinda para aqueles que a viam de alto-mar.

Casas e árvores - eis a aparência de Olinda vista de longe. Para aqueles que a olham do alto de suas colinas esta visão é sempre a mesma.

Porém, o açúcar que fez a riqueza de Olinda deu-lhe um terrível golpe: em 1630, foi invadida pelas tropas da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, que se propunha a dominar a empresa açucareira e comercializar seu produto nos principais mercados europeus. Para comemorar sua vitória sobre Olinda, os conquistadores divulgaram amplamente seu feito pela imprensa em holandês, alemão, francês e inglês; eles o representaram na cartografia, na iconografia e cunharam medalhas comemorativas. Entretanto, a localização de Olinda distante do porto e as dificuldades para defendê-la contra a reação dos habitantes do país levaram aos invasores a abandoná-la em novembro de 1631 e se instalar em Recife. A cidade foi então incendiada e suas casas, igrejas e conventos destruídos. Mas os invasores haviam ficado com a lembrança das frutas que os pomares e as hortas de Olinda lhes ofereciam, o que os fazia voltar de vez em quando para colhê-las. Os defensores não foram menos cruéis: cortaram todas as árvores frutíferas a golpe de machado (setembro de 1632).

Os holandeses não o permitiram quando os antigos moradores de Olinda tentaram reconstruí-la mais tarde. Poetas e pintores, contudo, continuaram a visitá-la e a lamentar a destruição que havia sofrido: Frans Post pintou telas admiráveis de suas ruínas. Uma composição poética,

escrita a carvão, em holandês, ainda conservada em uma das igrejas da cidade parece pedir perdão a Deus pelo que lhe aconteceu.

Uma vez restaurado o domínio português (1654), uma parte da população de Pernambuco ligada à cultura do açúcar e às ordens religiosas dedicaram-se a fazer retornar para Olinda a sede da administração da Capitania, contra o que se posicionou outra parte diretamente interessada pelo comércio marítimo que favorecia Recife. A investidura de um dos representantes da agricultura como governador de Pernambuco facilitou o deslocamento pretendido (1657), aprovado pela Coroa portuguesa, que havia determinado reiteradamente que os governadores residissem na sede da capitania, o que era raramente cumprido. Por esse motivo, a restauração urbana de Olinda foi lenta: mesmo a criação do bispado de Pernambuco, estabelecido em Olinda, que desde então havia passado à categoria de cidade, não teve força para fazê-la progredir.

Durante o período de cem anos que vai da restauração da dominação portuguesa até a metade do século XVIII, algumas igrejas foram reconstruídas na cidade, mas o próprio bispo vivia em uma casa de campo próxima de Recife. Um historiador, em 1757, menciona que a “muito nobre Olinda” era habitada por 3.272 almas “em cerca mil casas”, ainda que muitas ruas permanecessem “desfiguradas, por falta de casas”. A vegetação já tinha se reconstituído e o autor louva a cidade por sua feliz combinação de moradias e árvores. Em um dos lugares altos, na realidade no mais alto de todos, foi instalado, em 1800, o Seminário de Olinda, que se tornou um dos centros mais importantes de ensino superior do Brasil, exercendo uma profunda influência em todo o país, e onde se formaram os quadros intelectuais que promoveriam a independência do Nordeste, assim como os movimentos republicanos (1817, 1821 e 1824).

A descrição de Olinda feita por estrangeiros que começam a afluir ao país, após a abertura dos portos do Brasil às nações amigas, não é diferente daquela feita pelos nativos nem menos entusiástica. Naquela época os jardins e as árvores de Olinda tiveram um novo impulso graças à instalação, em 1811, de um Jardim Botânico de plantas exóticas trazidas do famoso Jardim Botânico “La Gabrielle” de *Cayenne*. O de Olinda tornou conhecidas aqui numerosas árvores ornamentais e úteis, tendo prestado serviços inestimáveis ao Brasil e à África portuguesa.

Olinda continuava a se desenvolver lentamente e um visitante estrangeiro, percorrendo suas ruas, observou não apenas “um aspecto geral de tranquilidade e de regularidade”, mas ainda “certo grau de desolação”. Essa tranquilidade parece ideal para fazer de Olinda a sede de uma universidade, mas o projeto inicial reduziu-se a uma

	<p>academia de ciências jurídicas instalada em 1828, que aí ficou até 1854. A academia foi transferida para Recife e a tranquilidade de Olinda só foi quebrada com a chegada dos trilhos da estrada de ferro que liga as duas cidades desde 1870; a facilidade das comunicações, a difusão do costume dos banhos de mar e das residências de verão condicionou o rápido desenvolvimento de Olinda com a expansão da zona residencial ao longo das praias.</p> <p>A zona urbana das colinas, contudo, não mudou sensivelmente ao longo desses anos, o que permitiu a preservação de seu aspecto arquitetônico. A população e o poder público esforçaram-se em proteger a parte histórica da cidade e seus monumentos assim como sua paisagem, incluindo a identidade da paisagem, ameaçada pela progressão do número das construções de Recife em direção ao norte.</p>
e) Bibliografia	<p>Carmo Barata, <i>Escola de Heróis</i>, Recife, Nery & Cia, 1922</p> <p>Fernão Cardim, <i>Tratados da Terra e Gente do Brasil</i>, Rio, J. Leite & Cia, 1925</p> <p>F. A. Pereira da Costa, <i>Anais Pernambucanos</i>, 10 vls. Recife, Imprensa Oficial, 1951-1966.</p> <p>D. Domingos de Loreto Couto, <i>Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco</i>, Rio, Imprensa Nacional, 1904; nova edição, Recife, Cia. Editora de Pernambuco, 1981.</p> <p>Gilberto Freire, <i>Olinda, 2º Guia Prático, Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira</i>, Recife, Drecheler & Cia. 1939; nova edição Rio de Janeiro, Livraria Jose Olympio Editora, 1980.</p> <p>Henry Koster, <i>Travels, in Brazil</i>, Londres, 1816 J. de Sousa Leão, Frans Post, Rio, Livraria Kosmos Editora, 1973.</p> <p>Frei Bonifacio Mueller, <i>Olinda e suas igrejas. Esboço histórico</i>, Recife, Livraria Pio XII, 1945.</p>
<p>4. Estado de preservação/ conservação</p> <p>a) Diagnóstico</p>	<p>Olinda encontra-se na região metropolitana de Recife e, portanto, sofreu - e ainda sofre - uma pressão demográfica devido a essa proximidade com a capital do Estado de Pernambuco.</p> <p>Considerando o valor do centro histórico, paisagístico e artístico de Olinda, o SPHAN o inscreveu no Livro do</p>

Tombo, em 1968. Pouco tempo depois, com a assessoria do SPHAN e por iniciativa da própria municipalidade foi elaborado e oficialmente adotado o Plano Diretor Local Integrado de Olinda (PDLI), que regulamenta o uso do solo, definindo usos diferenciados para o centro em questão e para as áreas vizinhas, pelo estabelecimento de diferentes densidades de ocupação, de gabarito dos imóveis e das áreas de preservação rigorosa. Posteriormente, em 1979, com vistas a uma maior preservação do centro histórico que se encontra nas colinas onde a cidade foi fundada no século XVI, foi inscrita como área protegida um polígono mais extenso, no qual os tipos de utilização e de impeditivos foram vinculados ao tombamento.

A implantação dessas medidas foi realizada pela Fundação Centro para a Preservação dos Sítios Históricos de Olinda, órgão municipal assessorado por organismos congêneres em nível estadual: FUNDARPE e FIDEM, assim como o 5º Distrito Regional da Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Dessa forma, a preocupação com a degradação do centro histórico, manifestada por Michel Parent em seu relatório de março de 1968, não se concretizou, já que a proposta do eminente especialista foi aceita, com a elaboração e a adoção oficial do anteriormente mencionado Plano Diretor Local Integrado para Olinda. Outro problema constatado em Olinda há alguns anos é o de deslizamento do solo. No início do século esses deslizamentos atingiram o Convento do Carmo, hoje restaurado e, recentemente, em maior ou menor grau partes do Convento de São Bento e do Convento-Igreja de Nossa Senhora das Neves (franciscano). Atualmente, uma equipe técnica da Universidade Federal de Pernambuco com financiamento da Secretaria de Planejamento da Presidência da República e da SPHAN está finalizando um projeto com o objetivo de analisar as causas dessas deformações, que incluirá estudos hidrológicos, geológicos e sondagens em diferentes pontos da cidade. Neste momento, as partes atingidas da Igreja de Nossa Senhora das Neves estão escoradas e não há perigo algum de desmoronamento ou de arruinamento, o que permitirá a consolidação por meio de trabalhos de correção.

Trabalhos de proteção contra o avanço do mar sobre Olinda já se encontram em fase adiantada de execução; compreendem um conjunto de quebra-mar submerso ao longo do litoral da cidade, desde a praia dos Milagres até a embocadura do rio Doce, da mesma forma uma muralha grudada na encosta, situada entre o molhe norte do porto de Recife e a praia dos Milagres. Outras medidas referentes ao saneamento do meio ambiente de Olinda, sua infraestrutura de transporte e infraestrutura urbana e social podem ser apreciadas no relatório da FIDEM.

	<p>Os organismos municipais, estaduais e federais envolvidos com a preservação de Olinda, compreendem assim o centro histórico como um elemento componente do contexto urbano no qual estão inseridas formações urbanas contemporâneas, isto é, uma célula viva integrada ao processo de crescimento socioeconômico da região.</p> <p>Para concluir, hoje se pode reiterar o relatório de Michel Parent de 1968, no qual ele declara que “o sítio histórico de Olinda permanece ainda intacto”. De modo geral, graças à sua implantação nas colinas, ao controle exercido pela SPHAN assim como às restrições impostas pelo Plano Diretor Local Integrado da Municipalidade, Olinda conserva sua estrutura primitiva. O processo evolutivo do conjunto ao longo dos séculos mostra um determinado gosto quando ele refaz a arquitetura original, a implantação urbana primitiva e a relação de integração paisagística tendo sido conservada no essencial.</p>
<p>b) Agente responsável pela preservação ou pela conservação</p>	<p>Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Rua da Imprensa, 16, 8º andar, Rio de Janeiro, RJ CEP 20.000</p> <p>Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda Rua do Amparo, 28, Olinda, Pernambuco CEP 55.000</p> <p>Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana de Recife (FIDEM) Rua Riachuelo, 105, Centro, Recife CEP 50.000</p> <p>Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE) Rua Benfica, 133, Recife, Pernambuco CEP 50.000</p>
<p>c) Histórico da Preservação</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Tombamento da casa do antigo Palácio Episcopal, sob o número 70 do Livro do Tombo das Belas-Artes, página 13, em 17.5.1938. 2. Tombamento da casa do Seminário (incluindo a Igreja da Graça), sob o número 69, do Livro do Tombo das Belas-Artes, página 143, em 17.5.1938. 3. Tombamento do Convento-Igreja de Nossa Senhora das Neves ou de São Francisco, sob o número 189 do Livro do Tombo das Belas-Artes, página 33, em 22.7.1938. 4. Tombamento da Igreja do Monte sob o número 87 do Livro do Tombo Histórico, folha 1, em 17.7.1938e com o número 181 do Livro do Tombo das Belas-Artes, página 32,

em 17.7.1938.

5. Tombamento do Mosteiro-Igreja de São Bento, sob o número 86 do Livro do Tombo Histórico, página 16, em 16.7.1938 e sob o número 179 do Livro do Tombo das Belas-Artes, folha 35, em 16.7.1938.

6. Tombamento da Igreja de Santa Tereza, sob o número 203 do Livro do Tombo das Belas-Artes, página 35, em 5.8.1938.

7. Tombamento da Igreja da Misericórdia, sob o número 202 do Livro do Tombo das Belas-Artes, página 35, em 5.8.1938.

8. Tombamento do Convento-Igreja de Nossa Senhora do Carmo, sob o número 108 do Livro do Tombo Histórico, página 19, em 5.8.1938 e sob o número 217 do Livro do Tombo das Belas-Artes, página 38, em 5.10.1938.

9. Tombamento da casa situada na Rua do Amparo, nº 28 (casa com muxarabis), sob o número 237 do Livro do Tombo das Belas-Artes, página 41, em 27.4.1939.

10. Tombamento da casa situada na Praça João Alfredo, nº 7, sob o número 238 do Livro do Tombo das Belas-Artes, página 11, em 27.4.1939.

11. Tombamento da Igreja de Nossa Senhora da Graça e da residência anexa, antigo colégio dos jesuítas, em 17.5.1958.

12. Tombamento da casa da antiga Cadeia, sob o número 386 do Livro do Tombo Histórico, página 62, em 16.3.1966.

13. Tombamento do conjunto arquitetônico e paisagístico da cidade de Olinda, sob o número 44 do Livro do Tombo Arquitetônico, Paisagístico e Etnográfico, página 11 e sob o número 412 do Livro do Tombo Histórico, página 66 e sob o número 487 do Livro do Tombo das Belas-Artes, página 88, em 19.4.1968.

14. Legislação urbanística de base da municipalidade de Olinda, aprovada pela Lei nº 3826 de 19.1.1973.

Considera extremamente válida e importante, em vista do controle da utilização do solo no município de Olinda, os objetivos e os princípios do Plano Diretor Local integrado incorporado à legislação urbanística de base da Municipalidade, aprovada pela Lei nº 3826 de 29 de janeiro de 1973.

15. Ampliação do tombamento do conjunto urbano paisagístico e arquitetônico da cidade de Olinda. Inscrição nº 75. Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e

	<p>Paisagístico, página 19, em 4.6.1979.</p> <p>16. Criação do Centro para a Preservação dos Sítios Históricos de Olinda. Lei nº 4119, de 28.9.1979. Municipalidade de Olinda.</p> <p>17. Elevação da cidade de Olinda, em Pernambuco, a Monumento Nacional, Lei nº 6863 de 26.11.1980.</p>
<p>5. Justificativa para a inscrição na Lista do Patrimônio Mundial</p> <p>a) Bem cultural</p>	<p>Trecho do Guia: <i>Olinda - Segundo guia prático, histórico e sentimental de uma cidade brasileira.</i></p> <p>No que se refere à localização física da cidade, o guia diz: “é uma cidade de colinas. Não há nos arredores de Recife melhor local para se usufruir da paisagem deste pedaço do Brasil repleto de coqueiros, de igrejas antigas, de cajueiros, velhas casas, mangueiras vindas da Índia e jangadas, deixando a praia rumo a alto-mar, que a parte alta de Olinda.</p> <p>A parte alta de Olinda não nos distancia da História do Brasil, mas, ao contrário, nos impregna dela. Devido a sua situação, não apenas bela, mas igualmente exposta ao olhar dos piratas, Olinda foi um dos lugares do Brasil que sofreu o maior número de ataques de estrangeiros nos séculos XVI e XVII. Porém, sempre resistiu. Sobreviveu aos saques e a um incêndio. Mostra ainda hoje algumas das mais antigas casas e igrejas da América... Vista nas tardes de sol, Olinda é mais bela ainda. Das praias e das ladeiras: eis ao que se pode simplificar Olinda”. O mar também faz parte da história da cidade: de acordo com o naturalista Konrad Gunther, autor do livro <i>Das Antlitz Brasiliens</i>, a vista do mar, contemplada a partir de Olinda “nunca era a mesma. Mudava com a luz. Mudava de cor como um diamante”. Gunther nela viu “violetas e vermelhos sobre o azul ou o verde do mar salgado. Viu muitas vezes esta água tão cheia de cores como se não fosse água, mas uma radiação de éter.”</p> <p>“A história ecológica de Olinda, observa o antropólogo Gilberto Freire, é a de uma das adaptações mais interessantes no Brasil, dos colonos e dos valores europeus os mais requintados à natureza tropical e ao meio americano, ao mesmo tempo que a absorção o mesmo pela própria aristocracia das colinas de Olinda, do sangue indígena e mesmo, mais tarde - em raras oportunidades, certamente - do negro. Ao mesmo tempo, sobretudo, a absorção de elementos da cultura indígena, oriental e africana que se incorporaram aos sistemas construtivos, de transporte e de alimentação dos habitantes da cidade, com especializações ou persistências particulares a Olinda e que correspondiam certamente a necessidades ou a condições locais. Assim, pode-se explicar, em certa</p>

medida, as persistências que perduraram durante muito tempo das características de Olinda, tais como as janelas com muxarabis... e o palanquim que tanto em Olinda quanto na Bahia teve uma vida mais longa do que em Recife, cidade plana.”

Sobre as ladeiras de Olinda se forjou o espírito político dos homens de Pernambuco - nos diz Gilberto Freire em seu *Guia*; espírito político que mais tarde passou para Recife... Mais foi em Olinda que esta tradição se formou: foi em Olinda que se desenvolveu nos tempos coloniais. Até o início do século XIX, Olinda era capaz de aristocratismo revolucionário que passou para Recife em seguida, aí explodindo durante a revolução de 1817.

O *Guia* assinala ainda que “durante toda a primeira metade de século XIX Olinda foi um centro, não apenas de ensino jurídico, mas também de produção intelectual. Produziu diplomados em Direito, que se tornaram as eminências do Império e imprimiu livros - originais ou traduzidos do francês, do inglês e do espanhol pelos doutores da cidade que influenciaram a política e a vida em todo o Brasil, ao mesmo tempo honrando os primórdios da arte tipográfica em nosso país... Olinda foi, na época colonial, uma cidade com importantes bibliotecas, com livros raros, bons mestres de latim, bons estudos humanistas... Entre os livros floresceu em Olinda, não apenas nos primeiros tempos do Império mais igualmente durante a era colonial, eruditos que se tornaram célebres graças a seus saberes... É preciso assinalar que foi em Olinda que Bento Teixeira compôs sua *Prosopopéia* - o primeiro poema escrito no Brasil... Olinda foi igualmente um dos primeiros lugares no Brasil onde nos jesuítas estabeleceram um teatro para a apresentação de peças religiosas.”

Mencionando as artes populares, o *Guia* lembra que “fabricação de facas com pontas... veio de uma expressão artística digna de nota e de estudo, que teve durante longos anos seu centro próximo às praias de Olinda... É preciso igualmente lembrar o desenvolvimento que a arte da ourivesaria conheceu na Olinda colonial... Dos mestres marceneiros da Olinda colonial resta, para provar o amor com o qual eles trabalhavam as boas madeiras existentes no país, além das obras em madeira talhada nas igrejas e nos conventos, as janelas com muxarabis, as molduras dos vitrais, as impostas das casas. Também como expressão popular interessante há os clubes de carnaval de Olinda, os populares com seus estandartes e enfeites, as danças e cantos tradicionais - os maracatus e as pastorinhas. Ainda hoje, Olinda destaca-se no carnaval de Recife graças a seus blocos, belas fantasias, estandartes artísticos e boa música.”

Não é possível deixar de mencionar aqui a atração que Olinda exerce sobre os grandes artistas brasileiros para

	<p>viver e trabalhar na cidade. Nela encontramos atualmente, os pintores João Câmara e Guita Charifter, o gravador Samico, para citar alguns dos que vivem em Olinda. João Câmara fundou e dirige em Olinda o ateliê gráfico Guaianases, que publica belos cartazes sobre a cidade.</p> <p>O trabalho de difusão cultural nesse centro histórico recebe ainda a contribuição dos museus Regional, Arte Sacra e de Arte Contemporânea instalados em belas edificações, que se encontram em boas condições de preservação. <i>Last, but not least</i>, é preciso citar toda a tradição da poesia moderna de Pernambuco que se volta para Olinda, enriquecendo esse bem cultural com textos de Joaquim Cardozo, João Cabral de Mello Neto, Carlos Pena Filho, Jorge Wanderley, que ressoam na memória de seus frequentadores e conferem a seu extraordinário meio ambiente feito de natureza, história e arquitetura harmoniosa a nota de reconhecimento, de redescoberta do familiar: as ruas, os monumentos, o céu, o mar, as árvores.</p> <p>Se acrescentarmos a esse meio ambiente cultural e natural a presença dos artistas populares, numerosos, como os ceramistas e os escultores em madeira, vê-se tomar forma na Olinda contemporânea, de maneira cada vez mais clara, a vocação que Michel Parent lhe atribuiu em 1968: a de se tornar uma cidade de artistas.</p>
--	---

Assinatura (em nome do Estado membro):

Nome e sobrenome: MAGALHAES Aloísio

Título: Secretário de Cultura

Data: 18 de dezembro de 1981.